

DILEMAS DOS PRODUTORES DE UMA ÁREA PERIURBANA: um debate acerca da franja rural-urbana de Aldeia – PE

Ailson Barbosa da Silva

Mestrando em geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

ailson.barbosa.silva@gmail.com

RESUMO: A dinâmica capitalista vem produzindo novas faces para o campo e para cidade. Os espaços tradicionalmente rurais e urbanos vêm refletindo as consequências desse “novo” processo que penetra e transforma a paisagem, produzindo dilemas e contradições conceituais. As bordas dos grandes centros urbanos vêm sofrendo, nas últimas décadas, um fenômeno de recebimento de novas formas de uso do solo, diferente daquelas que tradicionalmente estavam instaladas. Ali, produz-se uma problemática conceitual quando estão em jogo interesses políticos e econômicos. Tal fenômeno aparece, em sua maioria, como possibilidade de fuga da classe média do caos urbano e da violência, instalada em muitas das grandes cidades. Na Região Metropolitana do Recife, não diferente de outras grandes cidades do país, este fenômeno se faz presente. Para este trabalho definiu-se tomar como objeto de estudo o território de Aldeia, localizada no município de Camaragibe - PE. Ali, encontra-se um dilema instalado relacionado ao que vem a ser aquele território. Do ponto de vista legal o território de Aldeia é um espaço urbano zoneado desta forma no Plano Diretor do Município de Camaragibe - Pernambuco (Lei 341/07). O dilema de Aldeia aparece quando pequenos produtores agrícolas passam então a requerer o acesso a financiamentos públicos para atividades agrícolas. A burocracia dos financiamentos acaba por impedir tais acessos, considerando que tais financiamentos se destinam a territórios rurais. Acaba-se então por estabelecer a necessidade de reflexão sobre o que realmente vem a ser aquela região. Assim, é objetivo do presente trabalho compreender as dificuldades enfrentadas pelos pequenos e médios produtores de Aldeia em função de estarem numa franja rural-urbana, bem como promover reflexões conceituais que se complementam a outras, já realizadas em outros trabalhos, a respeito da temática periurbana metropolitana. Para atingir tais objetivos foram procedidos entrevistas de campo junto aos produtores locais e um levantamento bibliográfico sobre a temática periurbana no Brasil.

Palavras-chave: Franja rural-urbana. Aldeia. Periurbano. Camaragibe. Pequenos Produtores.

DILEMMAS OF PRODUCING THE OUTSKIRTS: a reflection on rural-urban fringe Aldeia - PE

ABSTRACT: The capitalist dynamic has produced new faces to the field and city. The rural and urban areas traditionally have reflected the consequences of this "new" process that penetrates and transforms the landscape, producing conceptual dilemmas and contradictions. The edges of large urban centers have suffered in recent decades, a phenomenon receiving new forms of land use, unlike those who traditionally were installed. There, it produces a conceptual issue at stake when political and economic interests. This phenomenon appears mostly as a possibility to escape from the middle class of urban chaos and violence, installed in many major cities. In the

metropolitan area of Recife, not unlike other big cities, this phenomenon is present. For this work was defined as an object of study to take the territory of Aldeia, located in Camaragibe - PE. There is a dilemma that comes installed related to that territory. From the legal point of view the territory of Aldeia an urban is zoned this way in the Master Plan in Camaragibe - Pernambuco (Law 341/07). The dilemma Aldeia appears when small farmers are then request access to public funding for agricultural activities. The bureaucracy of funding ultimately prevent such access, given that such funds are intended for rural areas. Is it over then to establish the need for reflection on what actually happens to be that region. It is therefore aim of this study to understand the difficulties faced by small and medium producers in the Aldeia in terms of being a rural-urban fringe. And also promote conceptual reflections, which complement those already undertaken in other works on the theme suburban metropolitan area. To achieve these objectives were conducted field interviews with local producers and a bibliography on the subject in the periurban Brazil.

Key-words: rural-urban fringe. Aldeia. urban fringe. Camaragibe. Small Farmers.

1- INTRODUÇÃO

O crescimento das cidades e a expansão das relações urbanas vêm gerando um novo quadro espacial no Brasil. É o avanço do urbano sobre áreas tradicionalmente agrícolas e sobre espaços rurais que vem criando constrangimentos espaciais que têm se colocado como desafios conceituais para estudiosos e pesquisadores. Muitos teóricos, como Corrêa (1995), Miranda (2008) e Souza (2001) vem adotando nomenclaturas e conceitos para definir certos espaços, contudo ainda não existe um consenso sobre o que realmente são tais áreas e como proceder diante da imprecisão de certos conceitos.

As leis que regulam o território também são falhas no tratamento destes espaços, daí a existência de problemas reais enfrentados por produtores agrícolas de áreas periurbanas devido a imprecisões conceituais. Desta forma, este trabalho tem como objetivos realizar algumas reflexões conceituais sobre a questão periurbana e suas peculiaridades. Refletir sobre os dilemas e contradições da franja rural-urbana de Aldeia e como a definição legal do território de Camaragibe - PE vem produzindo implicações políticas e econômicas para a população local. Ainda, busca-se discutir como estas definições legais implicam na produção de dificuldades relacionadas ao acesso a financiamentos públicos por parte dos pequenos produtores agrícolas em Aldeia.

As observações quanto à problemática proposta a fazer neste trabalho surgem a partir de trabalhos de campo realizados na região de Aldeia. Assim, serão discutidas, a partir das definições legais da região e de um diálogo com os pequenos produtores locais, as dificuldades e os dilemas de produzir em uma franja rural-urbana.

2- CIDADE E CAMPO X URBANO E RURAL

A problemática conceitual da cidade e do campo parece estar longe de ser superada. Muitos conceitos e tentativas de generalizações foram produzidos ao longo das últimas décadas. As tentativas de definições são tantas que por vezes se contradizem, convergem e se complementam. A cidade com sua organização interior, seu funcionamento e seu dinamismo apresenta-se com características próprias, resultando em formas e conteúdos que a diferencia do campo. Já o campo com sua forte ligação com a agricultura torna-se o que muitos autores chamam de oposição ou contradição da cidade.

Discussões acaloradas sobre cidade e campo têm despertado tentativas de construção de conceitos universais sobre um e outro. Cidade e campo continuam sendo um tema polêmico e, ao mesmo tempo apaixonante. Evidentemente, é preciso considerar as transformações que vem ocorrendo no campo e na cidade, fruto da dinâmica da globalização que penetra no campo produzindo enormes transformações e invade a cidade transformando sua lógica. A cidade vem invadindo o campo, modificando tendências, produzindo novas faces, novas formas e novos usos para o que tradicionalmente se convencionou chamar de rural.

Hoje, se discute a formação de um novo rural. Este “novo” espaço tem se constituído numa trama de relações em que se imbricam atividades para além do agrícola. Forma-se uma nova condição de rural em que atividades tipicamente urbanas (como as atividades industriais, de serviços e novos usos do solo) passam a aparecer e se firmar como atividades econômico-produtivas nestes espaços. As novas formas de produção inseridas no campo, através do amplo desenvolvimento das técnicas, já deixaram obsoletas as tentativas de defini-lo como espaço do atraso. Atualmente, o campo é invadido por novas lógicas de uso do solo, através de atividades industriais e residenciais que modificam a lógica e a tradição. Este trabalho, no entanto, não se

propõe a construir esta reflexão sobre o novo rural, mas também não esgota o debate e nem afirma, aqui, a aceitação desse novo conceito de forma pronto e acabado.

Cidade e campo constituem-se em espaços que, ainda, são intimamente ligados aos conceitos de urbano e rural. Para muitos, o urbano já extrapolou a cidade e este é entendido como vivido. O rural também já extrapolou o campo e pode aparecer na cidade na forma de pequenas ilhas de plantações ou na criação de animais em muitos bairros (SOUZA, 2001). Extrapolando seu espaço tradicional o urbano avança para um novo território onde produz novas e complexas territorialidades ou como propõe Sposito (2006) um contínuo cidade/campo.

Para Spósito (2006, p.121), cidade e campo se entrelaçam e se superpõem. Segundo a autora:

O reconhecimento de um contínuo cidade/campo não pressupõe o desaparecimento da cidade e do campo como unidades espaciais distintas, mas a constituição de áreas de transição e contato entre espaços que se caracterizam pelo compartilhamento, no mesmo território ou em micro parcelas territoriais justapostas e sobrepostas, de usos de solo, de práticas socioespaciais e de interesses políticos e econômicos associados ao mundo rural e urbano.

3- A QUESTÃO DAS CIDADES

O Brasil ainda adota o conceito de cidade definido no Estado Novo. Para Veiga (apud BERNARDELLI, 2006 p.37) “O Decreto-Lei 311, de 1938, que transformou em cidade todas as sedes municipais existentes, independente de suas características estruturais e funcionais” contribuiu para tornar pequenos povoados em cidades, atendendo muito mais a interesses políticos e partidários do que a um critério conceitual.

Souza (2001, p.19) discorre sobre a metodologia falha adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE que considera cerca de 82% da população brasileira como urbana. Segundo o autor “devido a um problema conceitual e metodológico, mesmo vilas e *idades* com poucas centenas de habitantes e nítidas características de aglomerado rural são classificadas como urbanas” (grifo nosso). Para ele a cidade é um objeto muito complexo e, por isso, muito difícil de se definir. Propõe Souza “conceituar um cão é, seguramente, uma tarefa muito menos espinhosa”.

Quando se fala de cidade e campo constrói-se, quase que automaticamente em nossas mentes, imagens pré-concebidas do que se convencionou entender sobre um e outro. A cidade com seus objetos e conteúdos apresenta-se com um conjunto de elementos que nos faz entendê-la como espaço da prosperidade. Enquanto isso se vende o campo como sendo aquele espaço em que a existência do agrícola e a presença da natureza dão conta de sua espacialidade, com a presença do verde e do trabalho agrícola. Corriqueiramente coloca-se cidade e campo em posições opostas, desconsiderando as relações e as dependências características dos dois espaços.

Muitos estudiosos vêm tentando produzir exercícios teóricos para delimitação da cidade e do campo. Esta alternativa, no entanto, nos parece improvável. A delimitação dos dois espaços carece de outras questões que vão pra além do teórico. Para defini-las ter-se-ia que demarcar uma linha divisória (imaginária ou física, como na Idade Média) onde se determinaria o fim do território da cidade e o início do território do campo (sendo este divergente, estrutural e funcionalmente, da cidade).

Como já proposto em outro trabalho¹ apresentado no 2º Simpósio Rural e Urbano no Brasil, se admitimos a existência de espaços divergentes – funcional e territorialmente – haveríamos de admitir a existência de linhas precisas onde se inicia e termina o espaço do campo e da cidade. No entanto, diante da inexistência de uma linha demarcatória que indique o início e o fim destes espaços corroboramos a existência de faixas de transição, ou melhor, de franjas rural-urbana (SILVA, 2009).

4- FRANJAS RURAL-URBANAS

Tenho insistido na necessidade de reconhecermos, teórica e politicamente a existência das franjas rural-urbanas no entorno das cidades brasileiras. Estes territórios têm se constituído em espaços de profundos dilemas, problemas e transformações. A adoção deste conceito pode vir a dar respostas a um dilema existente na geografia e em outras ciências, que são os limites entre

¹ SILVA, Ailson B. da **Entre o rural e o urbano**: um debate conceitual sobre franja rural-urbana na RMR. 2º Simpósio Entre o Urbano e o Rural no Brasil. Rio de Janeiro: UERJ, 2009.

cidade e campo. Venho propondo um novo olhar sobre o periurbano e a adoção desse conceito na construção de políticas públicas específicas e no planejamento e zoneamento territorial do país.

As franjas rural-urbanas² dão conta daqueles territórios onde o urbano e o rural se tocam, ou melhor, onde a cidade e o campo se misturam criando uma textura em que não existe o predomínio de um sobre o outro. Nestes territórios misturam-se relações rurais e urbanas, não sendo possível defini-las como cidade ou campo.

Diversos autores vêm produzindo nomenclaturas diversas para definir este tipo de território. Rurbano, continuum, periurbano são termos através dos quais se vem aprofundando o debate sobre o que de fato são estes espaços. Contudo, vale destacar que já existe uma literatura clássica sobre este tipo de fenômeno e que serve como referencial importante para os estudos periurbanos. Em nível internacional existe uma tradição muito mais antiga que a brasileira de estudos periurbanos. No Brasil autores como Correa (1995), Souza (2005), Miranda (2008) e Rua (2005) vêm produzindo esforços intensos no sentido de estudar e compreender as áreas periurbanas, sobretudo no entorno das áreas metropolitanas.

Em nível nacional vem crescendo em número e qualidade os estudos sobre este tipo de território. O avanço do urbano sobre áreas tipicamente rurais, principalmente no entorno das grandes metrópoles e em função do inchaço metropolitano tal como no Recife, vem produzindo cada vez mais um processo de fuga da classe média em direção às suas bordas. Aliado ao sentimento de fuga do caos urbano se processa uma revalorização do rural e do contato com a natureza. Este processo de transferência da população e da cultura urbana para áreas rurais também produzem problemas: a deterioração do meio ambiente, a redução do solo verde em função das construções urbanas, a elevação da demanda de serviços e problemas de convivência entre os residentes tipicamente urbanos e os tipicamente rurais.

Mais afinal o que são as franjas rural-urbanas? Buscaremos defini-las a partir de algumas obras acessadas.

Para Miranda, as franjas rural-urbanas se caracterizam como:

² A título de reforço terminológico cabe reforçar as possíveis formas como podem vir a ser tratadas, neste e em outros trabalhos, as franjas rural-urbanas. A terminologia franja rural-urbana é adotada entre os geógrafos anglo-saxões. Os franceses, comumente, referem-se a esta como espaço periurbano. Já entre os estudiosos brasileiros costuma-se adotar o termo faixa de transição urbana, mas também utilizando-se dos termos franja rural-urbana e espaço periurbano (SOUZA, 2005).

Espaços plurifuncionais, em que coexistem características e usos do solo tanto urbanos como rurais – presença dispersa e fragmentada de usos e ausência de estrutura urbana coerente que proporcione unidade espacial, submetidos a profundas transformações econômicas, sociais e físicas, com uma dinâmica estreitamente vinculada à presença próxima de um núcleo urbano (MIRANDA, 2008 p.28).

Este conceito proposto por Miranda tem sido sistematicamente adotado pelo autor deste artigo em outros diversos trabalhos, pois parece ser o mais coerente e preciso na definição das franjas rural-urbanas.

Miranda (2008) destaca a existência de uma bibliografia clássica sobre a temática periurbana, sendo encontrado em Wehrwein (1942), Lively (1953), Golledger (1960), Pahal (1962), Pryor (1971) e Kayser (1990) os principais registros sobre o tema. Assinala, ainda que Smith, no início do século passado, realizou a primeira sistematização sobre esta temática, deixando para nós uma importante contribuição conceitual. Para Smith *apud* Miranda (2008 p.28) as áreas periurbanas são “construídas próximas aos limites administrativos da cidade”.

Pryor (1968, p.59) também crava sua definição para estes espaços, para ele os espaços periurbanos são:

Zona de transição do uso da terra situada entre (a) a continuidade das áreas urbanas e suburbanas da cidade central, e (b) o interior rural, caracterizada pela ausência quase total de alcance e penetração de serviços de utilidade pública urbana, descoordenado zoneamento ou planejamento regulamentares; uma real extensão dos limites políticos da cidade central; e um aumento real e potencial da densidade populacional em relação ao torno de zonas rurais, mas inferior ao centro da cidade. Estas características podem mudar com o tempo.

Para Souza (2001), quanto maior a cidade, maior tende a ser o espaço periurbano. Nestes espaços periurbanos são encontradas duas lógicas: uma urbana e outra rural. A lógica rural “é a lógica da terra enquanto terra de trabalho para agricultura e a pecuária. A terra neste caso tem um valor “intrínseco devido à fertilidade natural”. Já a lógica urbana é “a do solo enquanto um simples suporte para atividades que independem de seus atributos de fertilidade: produção industrial, atividades terciárias, habitação e circulação”. O autor propõe que a dificuldade para

definição do que vem a ser uma franja rural-urbana está na face visível (a paisagem). Para ele o espaço continua a ter um aspecto rural, mas possuindo um forte lógica urbana de uso do solo.

George (1983) já assinalava a existência de um movimento de operações imobiliárias de aquisição de propriedades rurais preparando as áreas periféricas para expansão urbana em Roma na primeira metade do século XX. Este processo que se instala em Roma também já se reproduzia em outras partes da Europa e mesmo na América.

Desconsiderar a existência destes territórios periurbanos e de suas peculiaridades vem produzindo uma série de consequências e problemáticas econômicas, sociais e políticas. Esta defesa segue no sentido de que o espaço periurbano não pode ser visto como um território rural totalizante, já que a paisagem dá conta de uma área, essencialmente rural, mas com fortes atributos da urbanização. Também, não é possível generalizar e considerar estes territórios como urbanos. Em muitos casos defini-los como espaço urbano segue uma lógica de interesses políticos e tributários, mais do que a rígidos critérios conceituais.

O conceito das franjas rural-urbanas dá conta de uma problemática conceitual que está colocada para muitos técnicos, administradores e políticos. Por vezes torna-se mais fácil propor generalizações ou assumir certas posições que não reconheçam a sua existência. Evidentemente, a legislação brasileira – e talvez mundial - não estejam adaptadas a reconhecer certas peculiaridades de certos territórios, tais como as franjas rural-urbanas. Estas particularidades vêm produzindo problemas reais sejam na construção de políticas públicas ou no reconhecimento de direitos.

5- ALDEIA E SUAS CONTRADIÇÕES: O PROBLEMA DE SER UMA FRANJA RURAL-URBANA

Aldeia localiza-se no município de Camaragibe, parte oeste da Região Metropolitana do Recife (RMR). Por vezes Aldeia se confunde com o que tradicionalmente convencionou chamar de Região de Aldeia, uma área que extrapola o território de Camaragibe chegando a diversos municípios da RMR.

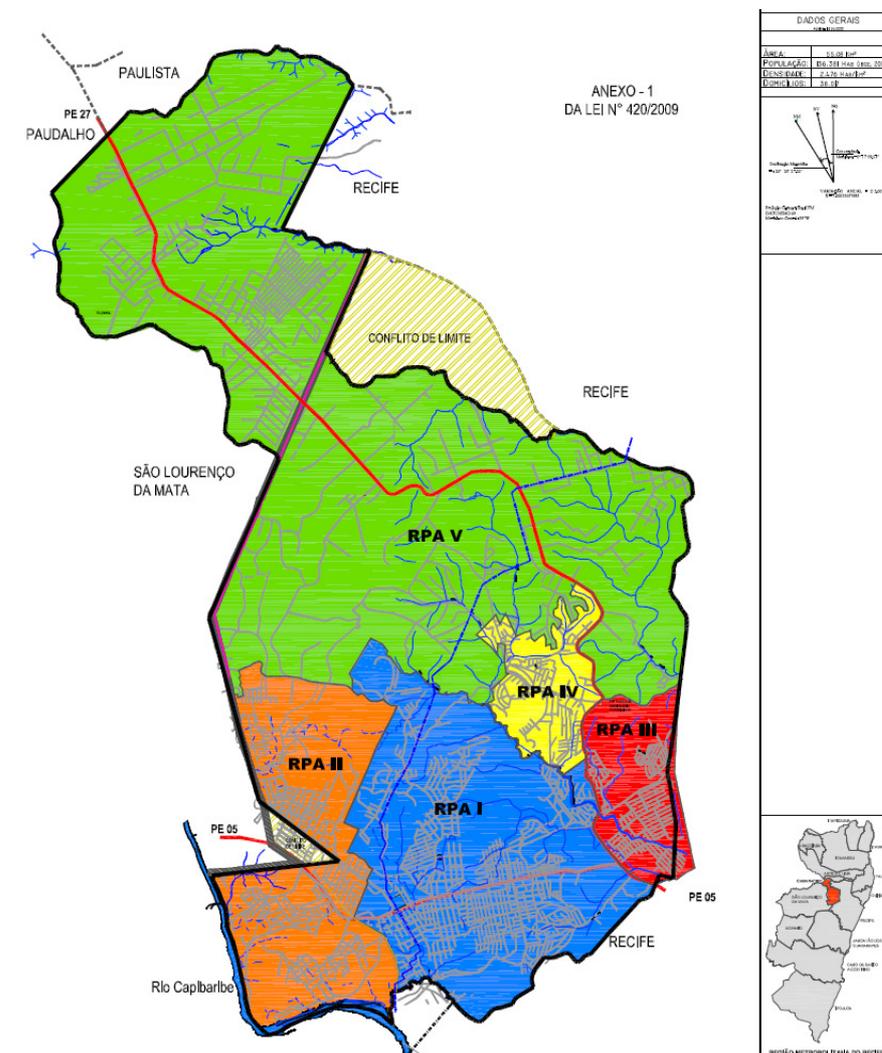


Figura 01: Mapa das RPA's de Camaragibe - Anexo da Lei 420/2009.
Fonte: Prefeitura Municipal de Camaragibe.

Camaragibe possui uma extensão territorial de 52,9km² e uma população de 150.354 habitantes (IBGE/2006). Aldeia está situada na parte norte de Camaragibe, correspondente a Região Político administrativa cinco (RPA 5), onde se observam, nas últimas quatro décadas um intenso processo de ocupação pelas chácaras, granjas e condomínios residenciais de classe média. Nesta área, avizinham-se grupos economicamente distintos o que tem se constituído numa relação importante para os dois lados.



Figura 2- Condomínio Divinópolis de Classe média e a esquerda moradores menos favorecidos.

Autor: Ailson Barbosa, 2010.

Do ponto de vista da tradição e da paisagem local, Aldeia é considerada um espaço tipicamente rural. A presença do verde e de visíveis atividades agrícolas leva qualquer indivíduo a esta conclusão. Se considerada a definição legal presente no Macrozoneamento do Plano Diretor de Camaragibe (Lei 341/07)³, teremos ali um território urbano. Apesar da definição legal, é perceptível uma trama de relações rurais e urbanas que se materializam na forma de vida rural ainda existente em Aldeia, misturada a movimentada rede de relações serviços, residenciais e comerciais presentes na localidade.

Um desafio colocado tem sido refletir sobre a real essência de Aldeia (urbana, rural ou franja rural-urbana?).

Cada vez mais me convenço de que é preciso adotar, na prática, uma terminologia que dê conta do que Aldeia realmente é: área periurbana. Do contrário continuaremos a entender esta região a partir de uma ótica legal que desconsidera as especificidades locais. A figura 3 mostra a proximidade entre um condomínio residencial e uma plantação de cana-de-açúcar. Os interesses conflituosos de cada lado, aliados à legislação vigente no município, vem produzindo dilemas sobre a permanência ou não de atividades tipicamente rurais naquela região.

³ Art. 11 – Para efeito desta Lei, todo território do município de Camaragibe é considerado urbano desde a sua criação, de acordo com a Lei Estadual nº8951/82.



Figura 3: Cerca de um condomínio ao lado de uma plantação de cana-de-açúcar.
Autor: Ailson Barbosa, 2010.

Aldeia está longe de possuir uma malha urbana consolidada – já que as leis ambientais que regulam a região não permitem – e a dispersão é uma característica marcante na paisagem daquele lugar. Ao mesmo tempo, é visivelmente perceptível uma dinâmica urbana de uso do solo, com a presença de moradias de primeira e segunda residência destinadas à classe média local, e da crescente instalação de atividades de lazer, clubes de campo, hotéis campestres, chácaras e granjas. Equipamentos, serviços e infra-estruturas urbanas imbricam-se na paisagem tipicamente rural, avizinhandose atividades agrícolas aos conjuntos desordenados da habitação popular.

Constata-se, assim, uma lógica urbana de uso e ocupação do solo, misturada a uma lógica rural, onde não é possível separá-los. Não existem elementos suficientes nestas paisagens que permitam estabelecer uma unidade espacial. Esta dificuldade se encontra, justamente, na proximidade entre o urbano (expresso no uso residencial do solo) e o rural (expresso no uso agrícola da terra). Tal fato pode ser constatado na imagem de satélite a seguir.



Figura 4: Imagem de satélite de Aldeia: em destaque a Estrada de Aldeia (PE 27), presença de mata, plantações e condomínios de classe média.

Fonte: www.googlemaps.com, acesso em 03/06/2010

Desta forma, erramos ao querer simplificar a área de Aldeia reduzindo suas complexidades. Aldeia não possui um urbano consolidado, nem um rural totalizante, assim entender esta área do ponto de vista legal ou paisagístico nos joga contra armadilhas reais que precisam ser enfrentadas. É necessário, portanto, considerar as especificidades deste território e a problemática que tais definições vêm produzindo para sua população ao longo do tempo.

Numa análise mais geral da localidade percebe-se três questões características das áreas periurbanas:

- ✓ Um declínio na produção agrícola local ao longo das últimas décadas e a crescente ampliação de uso do solo por atividades tipicamente urbanas;
- ✓ Dificuldades enfrentadas pelos produtores da região no acesso a financiamentos públicos para atividades agrícolas;
- ✓ Dificuldades de relacionamento entre os produtores e a vizinhança local, já que esta vizinhança tem custado aceitar a presença de atividades agrícolas na localidade, apesar da história local apontar para existência das atividades agrícolas antes mesmo dos moradores da classe média.

6- A VISÃO DOS PRODUTORES LOCAIS

Camaragibe foi uma das áreas mais prosperas de produção açucareira ao longo de sua história e nos últimos anos vem sofrendo um declínio agrícola principalmente pelo avanço de atividades urbanas que se instalam no território de Aldeia e necessitam de mais espaço para se reproduzir.

George (1983, p.79) assinala que os estabelecimentos agrícolas isolados resistem alguns anos ao processo que se instala nas franjas rural-urbanas, mas depois acabam desaparecendo. Em consonância com a ideia de George, encontramos na localidade um produtor rural que foi um dos maiores produtores de ovos de codorna do Nordeste e nos relata: “Já fui um dos maiores produtores de ovos de codorna daqui, eu abastecia todo o mercado consumidor do Recife. Hoje não produzo nem um terço do que produzia há dez anos atrás.” Mas ao longo da última década as atividades desenvolvidas sofreram profunda decadência. Muitas das atividades agrícolas não conseguem resistir às pressões urbanas que se instalam nestes locais.

Com o passar dos anos o valor do solo se modifica e para muitos proprietários de terras periurbanas torna-se muito mais vantajoso – com propostas de compras irresistíveis – repassar a terra para os especuladores imobiliários que expandirão a cidade para aquela localidade a partir da instalação de novos empreendimentos urbanos e de melhorias estruturais. Em campo foram encontrados produtores locais que se sentem prejudicados pela definição legal de Aldeia e que reconhecem os problemas de serem pequenos produtores junto aos moradores de classe média. A fala de um outro produtor entrevistado evidencia tal sentimento. Para ele “daqui a alguns anos chega um especulador, me oferece um dinheiro bom, eu penso no futuro dos meus filhos e vendo”. A terra se valoriza a medida que a urbanização toca o rural.

Morador de Aldeia há doze anos, este produtor quando questionado sobre o que levou ele e sua família a vir morar em Aldeia o agricultor prontamente responde “sou um homem do interior e queria proporcionar a meus filhos uma qualidade de vida melhor”. A fala do agricultor revela a existência de um simbolismo sobre Aldeia, bastante ligado á qualidade de vida nos espaços periurbanos. Outro entrevistado e morador da localidade há nove anos revela: “Sou um homem matuto, gosto do mato, da natureza, gosto de criar, gosto de plantar. E por ser um lugar mais tranqüilo, Recife hoje é um inferno”.

Em relação às transformações que vêm ocorrendo em Aldeia, a fala dos moradores mais antigos aponta para uma importante mudança de comportamento na localidade, seja os hábitos urbanos que se incorporam pouco a pouco ao cotidiano local, sejam as atividades e problemas urbanos que começam a se fazer presente cada vez mais.

Outro entrevistado destaca: “há alguns anos atrás eu tinha um comércio no quilômetro três e meio, e ficávamos contando no primeiro expediente: ‘hoje passaram cinco carros, seis carros’. Hoje não se conta mais”. A fala do entrevistado destaca como o automóvel tem favorecido o acesso à Aldeia e tornou-se reflexo da urbanização.

Outro entrevistado, ainda sobre as transformações revela: “Vem ocorrendo uma transformação não como vocação rural, mas como vocação urbana. Muitas pessoas de Recife vindo morar em Aldeia, a criação de novos condomínios [...]”. A fala desse entrevistado aponta para certificação de que vem ocorrendo na região um forte processo de urbanização, como já evidenciado em Silva (2009, p.9) e um incremento de atividades urbanas de uso do solo muito forte nas últimas décadas.

Sobre o fato de Aldeia ser considerada uma área urbana segundo o Plano Diretor de Camaragibe, aparece nas falas dos entrevistados percepções diferenciadas sobre o assunto. As questões levantadas apontam para definição de legal de urbano desprezando o científico-conceitual. Para um dos entrevistados hoje são visíveis transformações urbanas na localidade. Um dos entrevistados acrescenta que falta um hospital para que se consolide a região como área urbana.

Outro entrevistado pontua as condições básicas segundo a legislação federal para considerar uma área como urbana e conclui que “Muitas áreas aqui não possuem certos equipamentos e serviços, assim não pode ser considerada área urbana”. E acrescenta, corroborando com nossa ideia de Aldeia ser uma área periurbana: “Aldeia é um misto, possui propriedades com dois, três hectares e outras com dez, vinte, vinte e sete [...]”.

Na fala dos entrevistados aparecem preocupações com a tendência urbana da localidade. “É preciso melhorar a estrada, porque está crescendo e vai terminar como sempre no Brasil as cidades não crescem, elas incham e as pessoas vão morar próximo de onde elas trabalham, onde ganham o pão”. O crescimento urbano que se verifica na região precisa, portanto, ser encarado

com olhares diferenciados afinal para esta massa crescente de atividade e população são necessárias outras políticas e oportunidades.

Verifica-se uma forte tendência à urbanização em Aldeia, mas, também, a forte presença, ainda, de atividades agrícolas. Desta forma, se faz necessário o redesenho de políticas públicas de aperfeiçoamento e aproveitamento da mão-de-obra local. A fala do entrevistado caminha neste sentido: “Faltam pessoas qualificadas em Aldeia, por isso, muitas vezes somos obrigados a buscar trabalhadores em outros municípios”.

Sobre a decadência da produção agrícola da região os produtores são taxativos: está totalmente decadente a produção local. “Já fomos grandes fornecedores de leite, carne suína, aves, codorna e ovo de codorna. Hoje não produzimos praticamente nada”. O entrevistado revela que já foi grande produtor de frango e vaca de leite, hoje sua atividade se reduz á galinha de capoeira que é fornecida para amigos e para pequenos negócios. O entrevistado ainda acrescenta “Hoje praticamente não trabalhamos, meu negócio reduziu entre 70 e 80% nos últimos anos”.

A fala de outro agricultor revela o sentimento de quem ainda permanece produzindo a base de muita insistência na localidade. “Quem planta não planta por profissionalismo, o que ainda existe são pequenas produções familiares de macaxeira, banana...”. Desta forma, percebe-se uma decadência da produção agrícola local e uma persistência de pequenos produtores em permanecer na localidade frente ao avanço de atividades urbanas sobre Aldeia.

Outro entrevistado revela que produzia aves no sistema de integração. Nesse modelo o produtor cuida das aves e passa para as grandes empresas entregadoras que, em geral, pagam preços muitos baixos pela unidade das aves, o que inviabiliza a produção e eleva o custo. A falta de máquinas que dêem conta do processo produtivo nas aves gera outros custos com empregados, pois enquanto uma máquina cuida de 50 mil aves, um trabalhador consegue cuidar apenas de sete mil. A tecnologia empregada na produção agrícola requer o acesso a financiamentos que permitam a aquisição de máquinas.

Em relação às dificuldades enfrentadas pelos produtores agrícolas da região os entrevistados apontam para algumas questões: a falta de financiamentos para micro-produtores, já que a maioria dos financiamentos públicos estão voltados para à agricultura familiar. O fato de Aldeia estar localizada numa área urbana, segundo a legislação local também é um impeditivo de acesso aos financiamentos para um dos entrevistados “A prefeitura fica nos pressionando

querendo o IPTU⁴. Nós corremos para o INCRA⁵, mas o mesmo não reconhece Aldeia como área rural”. Estas contradições geram problemas sérios e que os agricultores locais – que ainda resistem - têm enfrentado com muita paciência e perseverança. Outro entrave aos financiamentos do tipo Programa Nacional de Agricultura Familiar - PRONAF, por exemplo, é a produção de projetos de financiamentos que devem ser elaborados pelo Banco do Nordeste e Banco do Brasil que gera altos entraves burocráticos, além de não existir em Aldeia uma agência desses bancos de forma a facilitar o acesso dos produtores.

A localização de Aldeia aparece na fala dos agricultores também como um problema. O escoamento da produção é dificultado pela posição das vias locais que não permitem o tráfego de carros grandes, além de estar localizada numa colina e numa área urbana. A necessidade de atravessadores no processo de venda dos produtos também aparece como um dificultador. Financiamento e capacitação da mão-de-obra local também são questões sérias. A inexistência de pessoas qualificadas interfere na produção e nos ganhos dos produtores, que precisam buscar trabalhadores em outras localidades. Aldeia aparece, assim, como novo complexo de oportunidades para mão-de-obra na RMR.

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aldeia é formalmente considerada área urbana segundo o Plano Diretor do município de Camaragibe. Esta definição que na prática desconsidera as características locais e a tradição rural do lugar vem provocando grandes problemas para produtores locais que já exerciam atividades ligadas à terra muito antes da definição da região como território urbano.

O próprio município vem desenvolvendo um novo olhar sobre a região de Aldeia e começa a promover um projeto que visa estimular a pequena produção agrícola que insiste em permanecer na localidade. Esta atividade que é bastante tradicional em Aldeia possui uma importância significativa para as famílias locais já que emprega um número importante de trabalhadores. Assim, é preciso considerar a importância econômica e política que a pequena produção exerce para economia municipal.

⁴ Imposto Predial e territorial Urbano;

⁵ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária;

Desta forma, pensar singularmente o território periurbano é um desafio para planejadores já que este tipo de território exige políticas específicas para suas problemáticas e intervenções sociais que busquem adequar a legislação e normas vigentes às tradições e necessidades da comunidade local.

O urbano que avança sobre Aldeia manifestado em residências, condomínios, prédios comerciais e de serviços são a expressão do novo urbano que se processa na localidade. Este novo contingente populacional precisa, portanto, aceitar e conviver com a cultura e a tradição rural-agrícola da localidade. O poder público, portanto, precisa efetivar seu papel de regulador e mediador dos conflitos que se produzem em razão de uma legislação que considera – erroneamente – o território de Aldeia como urbano e que dispõe sobre ele como parte de um urbano consolidado desconsiderando outras características presentes.

Talvez uma saída seja pensar em nível federal uma nova legislação específica que trate dos territórios periurbanos em suas singularidades e não mais da forma como vem se dando a partir dos estudos realizados pela IBGE que consideram os municípios a partir de três categorias que refletem a parte, ou sobre uma parte do município, suas características.

Ainda, caberá ao município de Camaragibe repensar o zoneamento municipal na perspectiva de contemplar os pequenos agricultores locais que sofrem com a falta de incentivos e de financiamentos devido um entendimento legal de Aldeia como parte do território urbano camaragibense.

Muitos desafios estão colocados e precisam ser enfrentados de forma contundente pelo poder público local, do contrário os conflitos entre quem mora em Aldeia e compreender esta região como um espaço urbano e parte da cidade e aqueles que vivem e produzem nesta região reproduzindo uma tradição secular da região possivelmente permanecerá.

REFERÊNCIAS

BERNARDELLI, Maria Lucia Falconi da Hora. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In SPOSITO, Maria Encarnação e WHITACKER, Artur Magnon. **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão popular, 2006;

CAMARAGIBE. Prefeitura do Município de Camaragibe. Disponível em: <<http://www.camaragibe.pe.gov.br/>> acessado em: 10/11/2010.

CORRÊA, Roberto L. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 1995;

GEORGE, Pierre – **Geografia Urbana**. São Paulo: Difel, 1983;

MIRANDA, Livia I. **Produção do espaço e planejamento em áreas de transição rural-urbana**: o caso da Região Metropolitana do Recife - PE / Livia Izabel Bezerra de Miranda. – Recife: O Autor, 2008;

PRYOR, Robin J. **Defining the Rural-Urban Fringe**. 1968. <http://www.jstor.org/stable/2575150> Acessado em 14/05/2010;

RUA, João. A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica. In **Revista da Anpege**. Anpege: Fortaleza, 2005.

SILVA, Ailson B. Entre o rural e o urbano: um debate conceitual sobre a franja rural-urbana de Aldeia. Publicado nos **Anais do 2º Simpósio O rural e O urbano no Brasil/UERJ**. Rio de Janeiro, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão et al. **Cidade e Campo**: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

(Recebido em setembro/2010. Aceito em Novembro/2010)